

RECENSÕES CRÍTICAS REVIEWS

Landeg White. *Ultimatum. A Novel*. Blaenau Ffestiniog: Cinnamon Press, 2018.

Landeg White (1940-2017): De Camões ao Ultimatum

Teresa Pinto Coelho
(FCSH-UNL/IHC)

Com ecos de *Heart of Darkness*, *A Bend in the River* (ou não tivesse sido sobre Naipaul o primeiro livro¹ de Landeg White), *Camões e, mesmo, Eça de Queirós*, o último romance histórico de White tem como título um dos mais debatidos episódios da centenária aliança luso-britânica – *Ultimatum*.²

Foi com curiosidade que comecei a lê-lo tendo, eu própria, escrito a minha tese de doutoramento³ sobre o tema e havendo, à época, tentado mostrar, quer o ponto de vista português, quer o inglês sobre um conflito polémico, difícil de interpretar, sobretudo devido às paixões que, de um lado e do outro, filtraram a visão dos factos, embora tanto portugueses como ingleses utilizassem o mesmo discurso propagandístico imperial para reivindicarem os seus alegados direitos em África: os primeiros evocando os “heróis do mar”; os segundos, o mito Livingstone.

-
1. Landeg White. *V.S. Naipaul: A Critical Introduction*. London: Macmillan, 1975.
 2. Landeg White. *Ultimatum*. Blaenau Ffestiniog: Cinnamon Press, 2018. Agradeço a Martin White ter-me feito chegar o romance.
 3. Teresa Pinto Coelho. *Apocalipse e Regeneração: O Ultimatum e a Mitologia da Pátria na Literatura Finissecular*. Lisboa: Cosmos, 1996.

Cerca de trinta anos mais tarde, Landeg White segue uma outra estratégia ditada pelo desenvolvimento dos Estudos Pós-Coloniais: mostrar o ponto de vista africano. Apesar de habilmente entrelaçados no romance se encontrarem factos históricos (e teremos de consultar vários estudos para seguir a exaustiva investigação levada a cabo pelo autor), desengane-se quem pensa que vai encontrar no romance a perspectiva europeia / eurocêntrica do conflito luso-britânico.

Seguimos a história de três amigos e alunos do Colégio Militar e da Escola do Exército – Maria Afonso (sobrinho-neto do Marechal António Teixeira Rebelo, fundador do Colégio Militar em 1803), Alfredo de Sá Cardoso e Alfred Zé Miguel. O primeiro, admirador incondicional de Serpa Pinto, que conhece num jantar do Colégio em 1881, e inspirado pelo exemplo do Major, decide ser soldado e juntar-se-lhe mais tarde em África (1889). Zé Miguel, meio-indiano, admirador de Camões e ardente defensor do império, irá também na expedição de Serpa Pinto. Quanto a Alfredo, defende o *free trade* à inglesa, põe em dúvida a política expansionista africana e irá aderir ao Partido Republicano, ao contrário de Maria Afonso, que alinha pelos Reformistas e, depois, pelos Progressistas.

O romance centra-se, porém, na visão do Outro veiculada por duas personagens: Mbewe, o piloto experimentado do rio Chire, e Lorenzo, o cozinheiro da Jamaica. Lorenzo deixara a Jamaica após a revolta de Morant Bay, ocorrida em 11 de Outubro de 1865. Detido pelas autoridades portuguesas por tráfico de armas, encontra-se agora (anos oitenta) numa prisão em Quelimane a aguardar julgamento. Contudo, Lorenzo não é apenas uma das personagens, assumindo também o estatuto de narrador: escreve um livro sobre a sua visão dos acontecimentos, proporcionando ao leitor uma versão diferente da oficial, fornecida pelos documentos da época. Ex-escravo, é um dos silenciados cuja voz, calada ou deturpada, se faz agora ouvir, o que é enfatizado várias vezes ao longo do romance. Como afirma o narrador: “He needed to tell his own story. On paper.” (29) E ainda: “It was a big thing for me, he wrote compiling his own record while surrounded by books describing the same events but barely mentioning him.” (119)

A introdução de uma personagem das Caraíbas, difícil de compreender à primeira vista, remonta à experiência de Landeg White na Trinidad (onde ensinou na University of the West Indies entre 1964 e 1969) e serve para dar uma panorâmica mais alargada da colonização britânica. Será também uma espécie de reescrita pós-colonial de *Robinson Crusoe*, uma tentativa de dar voz a Friday, já que Lorenzo é identificado com o súbdito de Crusoe. (31) Contudo, para percebermos o papel desempenhado por Lorenzo e os acontecimentos que relata, é necessário ter em conta que, entre a pesquisa histórica levada a cabo por Landeg White para construir o romance, se encontra a tese de doutoramento do seu amigo e africanista Hugh Macmillan (que lhe dedicou dois obituários⁴), “The Origins and Development of the African Lakes Company”,⁵ estudo que se debruça sobre as missões escocesas no Niassa, o desenvolvimento das actividades da African Lakes Company e o fracasso da mesma.

Seria a pressão dos missionários (e dos comerciantes) escoceses, cujo antagonismo Salisbury receava, uma vez que precisava dos votos escoceses, que constituiria uma das principais causas do Ultimatum. Eram os escoceses que, na senda de David Livingstone, se opunham aos desígnios portugueses no Chire e no Niassa (actual Malawi), uma das áreas contempladas pelo Mapa Cor-de-Rosa, da qual o Ultimatum exigia a retirada das tropas portuguesas.

Para o governo português, a insistência no Niassa deve-se ao medo que o controlo britânico sobre o sul do lago conduzisse ao domínio sobre o Zambeze e a costa de Moçambique. Portugal enviaria várias missões ao Niassa para ali estabelecer ocupação efectiva. Em 1888, Barros Gomes encarregaria mesmo Jaime Batalha Reis de escrever artigos em defesa das reivindicações portuguesas nos jornais britânicos e, em Junho do ano seguinte, enviá-lo-ia numa missão

4. Hugh Macmillan. “Landeg White. Obituary”. *The Guardian*, 22 de Janeiro de 2018. www.theguardian.com. Acedido em 31 de Janeiro de 2018; “Obituary. Landeg White, 1940-2017”. *Journal of South African Studies*, vol. 44, nº 3, 531-535. <http://doi.org/10.1080/03057070.2018.1452383>. Acedido em 22 de Abril de 2018. Este último é um longo texto muito completo. Ver o site de Landeg White: landegwhite.com.

5. Hugh Macmillan. “The Origins and Development of the African Lakes Company: 1878-1908”. Ph.D.thesis. University of Edinburgh, 1970.

secreta à Alemanha com a esperança de obter o apoio germânico.⁶ Tentativas vãs. Os missionários escoceses, que não queriam perder o controlo político e económico sobre o lago e recebiam o estabelecimento de uma missão católica na zona, lançam junto de Londres e da opinião pública uma cerrada campanha habilmente centrada na figura de Livingstone afirmando ter sido este (e não os portugueses) o primeiro a chegar ao lago, o que não era verdade. Porém, o estatuto de que o missionário escocês gozava na época impunha-se não tanto pela sua acção religiosa – nunca converteu ninguém –, mas pela sua propaganda e acção anti-esclavagistas.

Após tentativas anteriores de atravessar o Kalahari, em 1851, Livingstone chega ao Zambeze. Começa aqui o sonho do rio como uma via concedida por Deus, que permitiria a penetração do Cristianismo e a substituição da escravatura pelo “comércio legítimo”, levando ao interior o que Livingstone e a sua época entendiam como civilização. Os “3 Cs” - Cristianismo, Comércio e Civilização – seriam o *motto* do missionário.

Segue-se uma grande expedição (1852-1864), que o transformaria numa celebridade da época. Realizada de Cape Town a Luanda, depois pelo interior, ao Alto Zambeze, às Victoria Falls (assim por ele apelidadas) e ao longo do Baixo Zambeze, através de Tete e Sena, até Quelimane, é no seguimento desta viagem que Livingstone leva consigo 114 Macololos, com os quais vai estabelecer uma missão no lago Niassa.

Por sua vez, a expedição seguinte, ao Zambeze (1858-1864), é desastrosa, resultando no fracasso da Universities’ Mission estabelecida em Magomero em 1861 (dado o sucesso da expedição anterior, as Universidades de Cambridge, Oxford, Dublin e Durham decidem apoiar Livingstone) e na morte da sua mulher e do primeiro Bispo de Niassalândia, Charles Mackenzie, em 1862.

Como é conhecido, depois Livingstone “desaparece” e são enviadas quatro expedições para o encontrar, o que seria conseguido em

6. Ver Teresa Pinto Coelho. *A Agulha de Cleópatra. Jaime Batalha Reis e as Relações Diplomáticas e Culturais Luso-Britânicas*. Lisboa: Cosmos, 2000.

1871 por Stanley e lhe granjearia um espectacular *coup* jornalístico para o *New York Herald*. Livingstone transforma-se, então, num mártir e num santo, um modelo a seguir, imagem que perduraria.

Em sua memória, é, em 1875, organizada a Livingstonia Expedition, liderada por E.D. Young, que o havia acompanhado ao Zambeze em 1852 e chefiara o primeiro grupo que partira no seu encalce em 1867. A expedição tinha como objectivo estabelecer a Livingstonia Mission of the Free Church of Scotland, que seria chefiada por Robert Laws, médico e missionário. Segue-se-lhe o estabelecimento da African Lakes Company (1878), dirigida por John e Frederick Moir, que cria entrepostos comerciais nas margens do Niassa e do Baixo Shire.

Lorenzo é uma personagem fulcral para a desmitificação histórica, uma vez que deita por terra o discurso eurocêntrico. A sua voz é importante pois estivera presente em momentos cruciais: com Livingstone e o Bispo Mackenzie, com Young à procura de Livingstone, com o reverendo Laws e com a African Lakes Company. A sua visão dos acontecimentos é profundamente crítica e acusatória, não poupando quer Livingstone, quer Laws: "The next three weeks, I saw another side of Dr Laws. I'd seen hints of the same in Dr Livingstone, who was capable of sacrificing anything or anybody to achieve his goals, which he sometimes managed." (44)

Lorenzo refere-se ao egoísmo de Livingstone, que, como é reconhecido (e White não perde o rumo à investigação histórica), sacrificara os outros, mesmo a família, às suas ambições, sobretudo, durante a malograda expedição do Zambeze. Não é por acaso que Lorenzo, enquanto na prisão, diz ler (e também Landeg White, como veremos) o clássico de Livingstone, *Narrative of an Expedition to the Zambezi* e outras fontes, nomeadamente, os *Last Journals* do missionário, um relato sobre missão de Magomero e o livro de Young sobre a expedição em busca de Livingstone.⁷ A sua voz no romance deve ser lida como contraponto a estas versões glorificadoras dos acontecimentos

7. Respectivamente: David e Charles Livingstone. *Narrative of an Expedition to the Zambezi and its Tributaries*. London: John Murray, 1865; Horace Waller. *The Last Journals of David Livingstone in Central Africa from 1865 until his Death*, 2 vols. London: John Murray, 1874; Henry Rowley. *The Story of the Universities Mission to Central Africa*. London: Saunders, Otley, and Co., 1866; E. D. Young. *The Search After Livingstone*. London: Letts, Son and Co., 1868.

que relatam. É assim que deveremos interpretar a conversa em que Mbewe o interroga sobre o significado do terceiro “C”:

‘What about the other C.? asked Mbewe. ‘Chindevu says there are three C.s, Christianity, Commerce and Civilization’.

I couldn’t help laughing.

‘It has something to do with them thinking their way of life is better, and that we would be better off copying them. But I’ve visited Glasgow, and I don’t believe it’

‘What’s it like there?’

‘Cold, filthy, foul air, stunted people, drunkards everywhere and fine buildings.’ (137)

Lorenzo refere-se à sua visita a Glasgow onde tinha sido aproveitado (e manipulado) para divulgar junto da opinião pública uma imagem utópica dos objectivos da Companhia e servido de modelo à estátua do missionário. Não podia ser mais irónico.

A crítica a Laws e ao colonialismo escocês é vitriólica: “We weren’t missionaries. We were pioneers of a colony. At Magomero, the Bishop didn’t study to found a colony. He wanted to be archbishop to some local king, if he could find one. Dr Laws ambition was to become another Pharaoh.” (42) E, no final do romance, conclui: “Dr Laws have the colony he want.” (262)

Também Mbewe desmitifica, repetidamente, os alegados propósitos civilizadores de Livingstone e da Companhia:

There was something called the ‘three Cs’, Christianity, Commerce and Civilisation. The Scottish missionaries up in the Highlands were telling people about the new religion. Then there was the Company attending to the commerce, starting with ivory, and then moving into oil seeds like sesame and millet. The third ‘C’ Mbewe hadn’t quite figured out. It had something to do with wearing shoes and riding bicycles and drinking whisky, but how they linked up was a mystery. (14)

Mbewe é o herdeiro dos Macololos que Livingstone levara consigo para o Niassa, deixando Landeg White, logo no início do romance, a contextualização histórica (sempre precisa) que subjaz à sua criação fictícia:

Mbewe's father was Chipatula. He wasn't from the Shire valley. He came from Kololo far up the Zambezi beyond the rapids, like the other chiefs who settled there, like Ramakukan and Katunga and Moloka, sixteen of them altogether. They'd all been with Bwana Livingstone, guiding and protecting and cooking for him on his long journey, all the way to Luanda in Angola, and all the way back to Quelimane on the Mozambique coast. Sebituane, the chief of the Kololo, had hoped to open a trade route, to one coast to another, so he could get guns in return for ivory and protect himself from the Boers. That's why he agreed to Bwana Livingstone's safari and told Mbewe's father and the other men to shield him with their lives. They weren't chiefs in those days, just Sebituane's slaves. But while they were away, the Zulu came and scattered Sebituane's people, so his father and the others had nowhere to go back home to.

Some of them stayed in Tete, the Portuguese side, but Mbewe's father and the others came to the River Shire. (16-17)

Ramakukan era o subchefe da caravana de Livingstone e foram, de facto, vários os Macololos que, com o seu chefe Sekeletu, sucessor de Sebituane, seguiram Livingstone para Luanda, em 1853. A partida é feita de Linyanti, onde Sebituane havia estabelecido os Macololos, após uma série de migrações durante as guerras geradas pela pressão do tráfico de escravos e o crescimento do reino Zulu no Natal.

Mbewe é, pois, a voz dos Macololos. Escravo e o melhor piloto do Chire, conhece o rio como ninguém e identifica-se com ele. Representa a voz de África tentando resistir à colonização. Como o rio. E é a segunda parte do romance que mais surpreende o leitor: Landeg White muda o enfoque narrativo e dá voz ao rio Chire, até então pertencente ao grupo dos silenciados, como Mbewe e Lorenzo: "Did I ever have a language of my own?", (185) pergunta-se o rio. É então que o Chire passa a conduzir a narração e a dar título a todos

os capítulos, ao contrário da estratégia anterior que consistia em intitulá-los alternadamente com os nomes das personagens principais.

Ao invés de Stephen Henighan, autor da única (brevíssima) recensão crítica do romance que conhecemos até à data, não creio que White tenha tomado “the unfortunate decision to narrate the final third [of the novel] from the point of view of the Shire.”⁸ Muito pelo contrário, considero muito interessante a estratégia narrativa seguida pelo autor e consistente com a ideia de dar voz aos silenciados. Em si mesma, a narrativa do Chire poderia constituir um romance autónomo. Landeg White escolhe ir estabelecendo paralelos com a primeira parte, o que, por vezes, redundando em repetições escusadas, talvez porque não terá tido tempo para rever o texto.

O relato do rio centra-se já na expedição Serpa Pinto ao Niassa em 1889, que resultaria no recontro de Mupassa, ocorrido em 8 de Novembro desse ano e que acabaria por desencadear o Ultimatum. O Chire segue atentamente os acontecimentos e vai exprimindo o ponto de vista africano sobre o homem branco. Tal como Mbewe e Lorenzo, põe em causa a acção de Livingstone e dos seus seguidores. Porém, mais do que as outras personagens, o rio desmantela os vários *topoi* em que se baseia o discurso do colonizador. Neste ponto, Landeg White é muito hábil e trabalha os temas com mestria, de forma mais metafórica do que na primeira parte do romance, o que terá sido motivado pelo *crescendo* do seu próprio processo imaginativo. É muito interessante.

Logo no início da segunda parte, o Chire desfaz o ideal Livingstoniano de uma via marítima de concepção divina:

8. Stephen Henighan. “Landeg White. Ultimatum”. *TLS*, 11 de Maio de 2018, 23.

Perhaps I'd become too used to being a god. The people who build their villages on my banks call me a god, as did the short brown people who lived before them. I provide them with water, for drinking and cooling and to irrigate their gardens. Reeds and bamboo grow on my banks, which they use to build their houses and to make fish traps. So I feed, water and house them, and I accept their worship as no more than my due.

(...)

Then these *azungu* – they're called white though they're a sort of hairy, grey pink – these new people called me 'God's Highway to the Interior'. Not a god, but their god's instrument. (185)

Neste sentido, uma outra temática é abordada no romance: a questão dos nomes, ou melhor, do renomear. Renomear é apropriar-se, é extinguir a identidade anterior, fazendo dela tábua rasa, e criar uma outra. Constitui um dos processos de colonização, sendo equivalente à conquista de território. Também o rio é renomeado – Chirem / Shire, (225) apropriado pelos colonizadores. Como afirma:

Until they came, I never knew I was one river, like the famous Thames. I was different rivers – the one connecting Lake Nyasa with Lake Palombe, the long curve from Lake Palombe to the cataracts, then a dozen separate waterfalls, then the broad stream to the Dambinyi marsh – and so on, all the way to the River Zambezi. Each bit separate and each with its own name. Even the waterfalls had different names – Kapichira, Mpatamanga, Nkulu, Khorombizo near Matope.

Not my names, you see. They were names given me by the people who live on my banks. They spoke a rainbow of languages, each merging with the next one. (185)

Também, tal como Mbewe, que no seu contacto com os brancos "had always assumed they were not particularly intelligent", (259) o rio desmantela a imagem do homem branco, invertendo o discurso colonial:

They worship killing. If a fish eagle circles overhead, they can't just leave it alone. They take a potshot at it. If a hippo surfaces with a snuffle and a pink yawn, they blast away. Killing elephants for their ivory or kudu for their meat I can understand. The native hunters do this, though they have strict rules about killing and sharing the spoils, and they say a prayer for the animal's soul. But killing just for pleasure! That was the first thing we wondered about these new *azungu*. It was as though my river, which they didn't need for survival, existed for sport. Or had to be tamed. (190)

A última parte do romance retrata esta imagem de violência e morte no confronto entre portugueses e ingleses pela posse do território. De novo os episódios históricos cuidadosamente registados (o encontro Johnston-Serpa Pinto, os tratados com os Macololos – assinados de cruz – a morte de D. Luís e a subida ao trono de D. Carlos, Mupassa, o Ultimatum) se entrelaçam com a vida das personagens históricas e fictícias, sendo fornecido o desfecho trágico de ambas. A mensagem pessimista adensa-se. Zé Miguel sofre uma morte horrífica por afogamento; Afonso suicida-se enrolado na bandeira portuguesa (e o leitor não pode deixar de se lembrar de Silva Porto); Alfredo prospera com os Republicanos e Tony St Claire, personagem irritante que lê placidamente Dickens enquanto à sua volta se desenrola um cenário de guerra e destruição, casa com uma portuguesa de um grande prazo e contrata Lorenzo, libertado após o Ultimatum – Lorenzo, que sempre fora uma voz crítica e recusara continuar na missão de Laws quando percebera os seus verdadeiros objectivos e que agora, ironicamente, trabalha para os ingleses. É ele que prevê o futuro: “These colonies go be new Jamaicas. Portuguese Jamaica this side, English Jamaica that side”. E a extinção do comércio triangular da escravatura (a grande bandeira de Livingstone) não terá lugar: “The slaves already here. It not necessary to pack them like sardines across the Atlantic.” (262) É também ele que emite o veredicto final: “What the British done with their machine guns even worse than the Portuguese do at Chiromo. It mek my heart sick.” (262) Nada do passado parece continuar de pé. Fica apenas o exemplo do Bispo Mackenzie e a autenticidade de

Mbewe, embora tenha de se adaptar à nova situação e deixar de ser o piloto do rio.

Poderemos interrogar-nos sobre as razões do protagonismo conferido ao Chire coroado pelas belas e minuciosas descrições que Landeg White dele oferece ao leitor. Virá, sem dúvida, na linha do papel desempenhado pelo rio em *Heart of Darkness*, novella que se tornou canónica pela visão negra do colonialismo europeu na África dos finais do século XIX. Outros resquícios conradianos incluem a comparação do rio a uma cobra (imagem recorrente em *Heart of Darkness*): "I'm [é o Chire a falar] shaped like Mbona the python, and you never saw a python resting in a straight line. He coils himself, as I do – especially towards the delta where my valley widens and the fields are flat." (195) Como em *Heart of Darkness*, o rio é leito de morte para os intrusos europeus oferecendo resistência à penetração colonizadora e as suas margens são palco de violência e de escravatura. Violência é também o cenário de *A Bend in the River*, que, decerto, Landeg White tem em mente. Contudo, além das relações óbvias com os textos de Conrad e Naipaul, *Ultimatum* é igualmente fruto dos caminhos percorridos pelo autor, tanto profissionais como pessoais.

White dedica o romance "to the 'two Joãos', originally from Nazaré, captains of the molasses barges *Carla* and *Doddy* who, in July 1970, unaware of Portuguese colonial regulations, provided illegal but thrilling passage to Alice and myself up the Zambezi and Shire Rivers from Marromeu to Nchalo." (4) Este episódio é referido numa outra obra do autor, *Bridging the Zambezi*.⁹ Nela recorda uma viagem de cinco dias, Zambeze e Shire acima, que fez de regresso da Beira quando foi visitar a sua futura segunda mulher, Alice Costley. É então que lê um clássico – *Portugal in Africa*, de James Duffy –, que diz ter sido a sua introdução à História de Moçambique.¹⁰ Entre outras, afirma,¹¹ leu também (como, mais tarde, a sua personagem Lorenzo) a já mencionada obra de Livingstone, *Narrative of an Expedition to the Zambezi*.

9. Landeg White. *Bridging the Zambezi: A Colonial Folly*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 1993.

10. *Bridging the Zambezi*, 208.

11. *Bridging the Zambezi*, 209.

Em 1970, Landeg White encontrava-se na Universidade do Malawi, onde leccionaria entre 1969 e 1972, ano em que foi depor- tado. Na universidade impulsionaria e faria parte do Writers' Group, assim como o poeta Jack Mapanje, com o qual publicaria, anos mais tarde, *Oral Poetry from Africa*¹² e contra cuja detenção organizaria uma bem sucedida campanha de libertação em 1987.

O lugar onde ensinava e o conhecimento de Alice, uma anglo- moçambicana, terão sido fundamentais para desencadear o seu inter- esse pela cultura luso-africana. É também em 1970 que descobre *Os Lusíadas*, segundo conta numa entrevista: "My first encounter with Camões was in July, 1970 in Beira, Mozambique, through my wife, Alice, when I bought 'Os Lusíadas'".¹³

África e Camões seriam dois interesses que passariam a reger a sua vida. Ensinaria ainda na Universidade da Zâmbia (1974-79) e na Universidade de York, entre 1980 e 1994. Aí dirigiria o Centre for South African Studies, entre 1980 e 1994. Com o afrianista Leroy Vail, escreveria *Capitalism and Colonialism in Mozambique*, "Tribalism in the Political History of Malawi" e "Power and the Praise Poem".¹⁴ A solo publicaria *Magomero: Portrait of a Village*,¹⁵ no dizer de Hugh Macmillan, a sua principal obra sobre a história do Malawi (de notar a utilização do local onde se sedava a Universities' Mission para título da obra). Muitos anos mais tarde, a história da região inspirá- -lo-ia também a escrever (além de *Ultimatum*) o romance histórico *Livingstone's Funeral*.¹⁶

Em 1994, Landeg White muda-se para Portugal, onde ensinaria na Universidade Aberta. É então que se manifesta o antigo interesse por Camões, que lera primeiramente na tradução de Fanshaw(e), fazendo a sua própria tradução de *Os Lusíadas*, publicada na prestigiada série

-
12. Jack Mapanje e Landeg White (eds.). *Oral Poetry from Africa. An Anthology*. New York: Longman, 1983.
 13. "Landeg White: The Global Poet". *Panorama*, 4 de Dezembro de 2016. Republicado em *The Navhind Times*, 29 de Janeiro de 2018. www.navhindtimes.in. Acedido em 31 de Janeiro de 2018.
 14. L. Vail e Landeg White. *Capitalism and Colonialism in Mozambique: A Study of Quelimane District*. London: Heinemann, 1980; "Tribalism in the Political History of Malawi". *The Creation of Tribalism in Southern Africa*. Berkeley: University of California Press, 1989. 151-184; *Power and the Praise Poem: Southern African Voices in History*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1991.
 15. Landeg White. *Magomero: Portrait of a Village*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
 16. Landeg White. *Livingstone's Funeral*. Blaenau Ffestiniog: Cinnamon Press, 2010.

World's Classics, da Oxford University Press¹⁷. Valer-lhe-ia o TLS Poetry Prize, em 1998 e, no mesmo ano, o Prémio Teixeira Gomes. O seu interesse pela camoneana continuaria com *The Collected Lyric Poems of Luís de Camões*, *Translating Camões* e, mais recentemente, *Camões: Made in Goa*.¹⁸ O trabalho sobre Camões seria também reconhecido precisamente em Goa, de onde surgiria o seu primeiro obituário.¹⁹ Significativamente, no seguimento de *Ultimatum* e após a sua morte, ocorrida em 3 de Dezembro de 2017, surge a interessante antologia bilingue *Poetas que não eram Camões. Poets who weren't Camões*.²⁰

Os Lusíadas constituem um dos mais importantes panos de fundo de *Ultimatum*. Logo na Introdução ao romance, White lembra que Camões havia descrito a região do Niassa e cita, entre outros, dois versos da sua própria tradução do poema: “Behold the lake which is the Nile’s source. / And the green Zambezi, too, begins its course”. (Canto X, estância 93)²¹ Como referimos, Afonso é um admirador de *Os Lusíadas* identificando-se com a mensagem de um Portugal grandioso espalhado por três continentes, tal como expresso na estância 14 do Canto VII, que recita (também na tradução de White²²): “In Africa, they have coastal bases; / In Asia, no one disputes their power: / The New World already feels their ploughshare, / And if fresh worlds are found, they will be there”. (57) Alfredo, pelo contrário, considera *Os Lusíadas* “a grocer’s poem (...), a parody of an epic we Portuguese have been fooled into taking seriously”, afirmando ainda: “Vasco da Gama is a hopeless hero: He never gets out of his boat, except briefly in India for some incompetent diplomacy, and then he spends

17. Luís Vaz de Camões. *The Lusíads*. Translated with an Introduction and Notes by Landeg White. Oxford / New York: Oxford University Press, 1997. É na “Translator’s Note” que identifica Fanshaw(e) como o primeiro autor que o ensinou a amar Camões. (xxi)

18. Respectivamente: *The Collected Lyric Poems of Luís de Camões*. Translated by Landeg White. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2008; *Translating Camões: A Personal Record*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2012; *Camões: Made in Goa. Selected Lyric Poems Written in India*. Translated by Landeg White. Goa: Under the Peepal Tree, 2017.

19. Vivek Menezes. “Remembering Landeg White”. *The Times of India*, 9 de Dezembro de 2017. landegwhite.com. Acedido em 31 de Janeiro de 2018.

20. Landeg White e Hélio J. S. Alves. *Poetas que não eram Camões. Poets who weren't Camões*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2018. Agradeço a Hélio Alves o envio da obra.

21. *The Lusíads*, 215.

22. *The Lusíads*, 141.

half a canto trying to get back into it." (56) Serão de estranhar estas críticas num Republicano, quando o Partido Republicano, tal como o Progressista e o Regenerador, tirava partido da mitologia das Descobertas...

No momento em que tem lugar esta conversa, os três amigos estão reunidos em Lisboa, junto da estátua de Camões. O narrador oferece ao leitor uma descrição muito queirosiana de uma Lisboa modorrenta. Será, sobretudo, de destacar o paralelismo com o final *Os Maias*. Comparemos:

Em *Ultimatum*:

They crossed to the Rua de Santa Justa and climbed up the Chiado past the Bertrand Bookshop to the Loreto, sitting outside a small bar opposite the melancholy statue of Camões, with its sleepy, pacing sentry. Coach drivers waited patiently for fares. On one corner, a group of shabbily dressed loafers stood smoking. At the entrance to the Havanesa, another group of loafers smoked, but these wore frock coats and talked politics." (56)

Em *Os Maias*: "Nada mudara. A mesma sentinela sonolenta rondava em torno à estátua triste de Camões. (...). A uma esquina, vadios em farrapos fumavam; e na esquina defronte, na Havanesa, fumavam também outros vadios, de sobrecasaca, politicando."²³

Parece-nos também ouvir ecos de *Os Maias* na cena em que os três amigos visitam Sintra. (93-97) No Lawrence, encontram dois pares de turistas alemães; em *Os Maias*, figuram dois ingleses.²⁴ É contra ambos os grupos que, nos dois romances, se afirma a identidade nacional não só em termos gastronómicos (nomeadamente o bacalhau), como políticos. Tal como em *Os Maias*, os três amigos seguem para o outro hotel, o Nunes. (97) Acolhe-os o velho criado, que tem o nome Damaso. Não pode ser coincidência.

Landeg White deixa transparecer a sua visão de estrangeiro sobre Portugal não resistindo a pôr na boca do narrador belíssimas

23. Eça de Queirós. *Os Maias. Episódios da Vida Romântica*. Edição de Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha. Lisboa: Imprensa-Nacional, 2017, 679.

24. *Os Maias*, 280-281.

descrições de Sintra (e algumas de Lisboa), referir Byron e lembrar um gigante da literatura portuguesa. Ele próprio emula Eça, ao escolher para um dos seus livros de poemas o título *Letters from Portugal*,²⁵ numa inversão das crónicas queirosianas sobre a Inglaterra. Em *Ultimatum*, parece-nos ainda ouvir a voz crítica de Eça nos seus artigos sobre a ocupação britânica do Egipto – “Estão em toda a parte”²⁶ – quando Afonso conclui: “For the English were everywhere.” (146)

Landeg White é um autor muito completo e, como este misto de recensão crítica-obituário pretende demonstrar, *Ultimatum* congrega grande parte da sua riquíssima trajectória pessoal, cultural e literária por três continentes, especialmente a sua imersão na história de Portugal em África e o seu fascínio por Camões.

Dada a temática escolhida e a originalidade com que é abordada, a tradução do romance para português seria uma boa ideia.

25. Landeg White. *Letters from Portugal*. With Illustrations by António Bandeira Araújo. London: Kondwani Publications, 2014. Considerável é a produção poética de White. A título de exemplo, será de registar: *For Captain Stedman*. Liskeard: Peterloo Poets, 1983; *Arab Work*. Cardigan: Parthian Books, 2007, ou *Living in the Delta: New and Collected Poems*. Cardigan: Parthian Books, 2015.

26. Eça de Queirós. “Os Ingleses no Egipto, VI”. *Textos de Imprensa IV* (da *Gazeta de Notícias*). Edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002. 216.